

Clarice Madeira Giusti
8 ano
Agosto de 2021

A caminho de mim



.....

Não vi, não esperei, só fui, foi embora como alguém que tinha pressa, pressa de tudo, de viver, de sonhar de fugir. Passara anos e anos de minha vida em uma casa velha, feita de uma madeira escura que mal permitia a luz do dia clarear minhas ideias. Lá onde passei minha infância e parte de minha juventude. Nunca esperava algo novo ou fantástico acontecer em meu dia, era sempre a mesma coisa, uma eterna e perfeita solidão, até decidir sair, não dei satisfações a ninguém, não sabia para onde iria ou quem conheceria.

Antes de sair me fiz uma promessa: iria me permitir ser todas aquelas que um dia quis ser. Seria a mulher apaixonada, a destemida, ate a melancólica. Eu queria aprender a ser eu, sentir todas as sensações, queria me reconhecer na minha forma mais poética como em minha forma mais descrente de tudo aquilo que um dia acreditei.

Então, com mil cruzeiros no bolso, fui. Me despedi com um bilhete que afirmava que tinha uma real necessidade de descobrir quem era e que iria para onde o tempo me levasse, mas que um dia haveria de querer voltar. Não dei certeza de nada, algo que daqui para frente tinha um orgulho estranho de afirmar: minha incerteza.

Peguei um trem para São Paulo, onde com uma certa dificuldade, me instalei. Com certo esforço arranjei um emprego na cafeteria dos portos de navios que vinham de outros países, lá vi muito, observei muito.

Vi de tudo que se possa imaginar, do casal que se separa com um sonho de um dia se reencontrarem até a menina que e forçada a se casar quando criança. Muita gente me chamará a atenção desde o primeiro momento. Todo dia era alguém diferente, com uma língua, um sonho e um esperança diferente. Ali aprendi muito, de tudo mesmo, coisas que não poderia aprender em uma escola ou com a experiência dos outros, teria de aprender vivendo. Passei um ano e meio em São Paulo.

Vivi um grande amor, José Pietro era seu nome, a quem jurei memoria eterna. José era um artista, tínhamos os mesmos gostos, mas por alguma razão do destino, sonhos diferentes. Tinha cabelos cacheados que me fascinavam, e olhos escuros, tão pretos que era difícil de identificar suas pupilas. José Pietro foi uma parte muito importante de São Paulo. Descobri muito sobre o amor com ele. Mas um dia parti, com a minha promessa de conhecer tudo e todos. Meu coração se partiu ao meio. José me disse que me desejava o melhor, e que se um dia eu me recordasse da cidade e de seu amor, que eu voltasse pois haveria de me esperar.

Foi para Goiás Velho, que já havia escutado muito sobre. Então peguei um trem e fui. No caminho observava tudo e todos. Pensei sobre o tempo e o vento, o amor, o amanhã incerto, e claro, a decisão de me despedir.

Pensando sobre como havia visto de tudo, uma senhora sentou ao meu lado. Com cabelos tão brancos quanto nuvens em um dia ensolarado, e um óculos com formato peculiar de um quadrado, me perguntou:

- Está ocupado?

Eu com uma certa gentileza respondi:

- Não, pode se sentar!

Sorriu e se sentou.

- A senhorita está indo visitar algum parente?

Respondi que não, que havia feito uma escolha de ficar sozinha.

Me respondeu em seguida da que tinha feito a escolha errada, falou que a ninguém e feliz sendo sozinho. Não falei nada, me constrangi. Mas escutei e pensei muito a respeito.

- Minha filha, a vida e muito mais fácil quando podemos contar com pessoas ao nosso lado.

Lembrei então de minha solidão na antiga casa escura...

- Se relacione, não tenha medo. Já perdi muito tempo achando que levaria uma vida melhor sozinha, mas sempre quis companhia da qual nunca tive.

Me contou que assim como eu, tinha saído para se conhecer. Mas que sempre que se adequava a algum lugar queria ir embora com medo de deixar de conhecer outros lugares e pessoas. E que aprendeu que ninguém se conhece por inteiro, então decidiu levar a vida com certa leveza e que se conheceria um pouquinho a cada dia mesmo que não viajasse.

Nunca aprendi tanto com uma conversa... ainda tinha me dito que os inteligentes aprendem com os erros dos outros.

Algo que já havia escutado em algum lugar, mas não sabia onde. Nunca gostei desse ditado, achava que era importante também ter suas próprias experiências. Mas escutei com muita atenção e passei dias e dias pensando sobre o que a senhora tinha me falado. E me perguntando se ficaria igual.

Chegando em Goiás velho conheci uma linda pousada, simples sem nenhum luxo, mas mais do que o suficiente para mim. Pousada das sete flores, era o nome. Uma casa histórica, razoavelmente grande. Na recepção a senhora que me atendia com gentileza me contará a historia da pousada. Que haviam sete irmãs que ali moravam, disse que eram lindas de tão belas.

E que rosa estava no nome por ser uma flor da paixão, mas que infelizmente nenhuma das sete irmãs haviam tido sorte no amor.

Morrei na pousada por pouco mais de quadro meses. Trabalhava como garçõete no restaurante da esquina da pousada. O emprego era bom, exaustivo mas para mim bastava.

Fiz amizade com alguns fregueses. Um deles era Alfredo, um amigo que guardei no coração para todo o sempre. Alfredo prometeu a mim que me apresentaria a cidade, me levou a muitos lugares, as cachoeiras mais belas que um dia vi. Me mostrou a literatura da cidade, e sua poesia.

Me levou ao ponto mais alto onde me mostrou todas as luzes da cidade. Voltei lá muitas vezes, havia me apaixonado pela cidade, pelo que ela me transmitia, pelas as historias que sentia que podia contar lá. Escrevi muito, algo que soube que gostava tarde já, pois nunca havia sido incentivada a tal coisa. Antes de decidir partir, sentia que tinha que ir de novo a cachoeira poço da saudade, onde lavei minha alma, antes de conhecer novos lugares que me abririam os olhos para outras coisas da vida.

Prometi a mim mesma que voltaria depois somente para ver o ponto mais alto que me inspirava só de olhar.

Alfredo quando decidi novamente partir, decidiu ir comigo. Aceitei, pois teria um companheiro para dividir todas minhas vivencias. Em Goiás velho vivi inspirações, desenhei, escrevi, pinte, dancei. Aprendi a viver sem pensar o que seria de mim no amanhã.

Fomos a Milho Verde. Alberto era muito parecido comigo, tinha cabelos castanho claro ondulado e olhos de cor de mel que tinham um certo brilho. Muitos pensavam que éramos irmãos.

No começo da viagem fizemos planos de sempre nos encontramos no final de cada dia, e avaliar todo fim de mês sobre nossa despedia.

Logo que chegamos procuramos um lugar para ficar e um emprego de meio expediente já que planejamos conhecer mais sobre a cidade e ficar pouco tempo. Eu já tinha aprendido a me virar em outra cidade, era alguém sociável o que me ajudou em muitos momentos. Descobrimos que precisava-se de ajudantes em uma fazenda que ficava a mais ou menos 5 km da cidade. Então nos candidatamos. Os donos da fazenda eram um casal de idosos que trabalhavam com gado e venda de frutas e verduras orgânicas.

Eu cuidava das frutas e Alberto do gado. Dona Maria que era casada com seu Jaime os donos da fazenda, gostava de mim. Dona Maria me contava que se sentia muito sozinha a muito tempo e que sentia falta de alguém para conversar, que apesar de seu marido, havia se arrependido amargamente de um dia ter falado que não precisaria de ninguém mais nessa vida. Não que dona Maria não amasse seu Jaime, mas sim que vivia o sonho dele não o dela. No dia que fomos embora, Dona Maria chorou, mas me agradeceu por em algum momento ter à escutado. Eu a agradei por ter me acolhido durante tanto tempo. Mas em alguma hora tivemos que ir. Então fomos. eu e Alberto, Alberto e eu.

....

Dessa vez decidimos para onde íamos na estação de trem. Fomos para Olinda, que era o sonho de Alfredo. Lá experimentei de tudo mais uma vez. Era todo tipo de comida, de musica, de gente, de religião, de tudo. Fui cobradora de ônibus por um tempo, Alfredo trabalhava na padaria da esquina. O emprego era até que interessante, para minha sorte percebi cedo que gostava de interagir com todos. Logo me apaixonei, não sabia seu nome, ou endereço. Mas agradei por conhece-lo.

Passava sempre por mim no final do expediente. Tinha olhos verdes que me chamavam a atenção e cabelos dourados. Um dia tive coragem para lhe perguntar se sairia comigo. Me mandou adivinhar seu nome, se caso acertasse, sairia comigo. De primeira falei Miguel, errei, mas como também me olhava a tempo, me deu uma outra chance. Falei no impulso: Teodoro. Ele sorriu e me disse:

- Prazer!

Olhei com um sorriso bobo, então antes que me perguntasse lhe disse meu nome:

- Madalena.

Sáimos na mesma noite. Ele que havia nascido e se criado em Olinda me apresentará de tudo. Me ensinou muita coisa, aprendi muito sobre mim estando com ele.

Passaram-se dois anos. Alfredo havia voltado à goiás, lá deixei muitas saudades. Alfredo voltará a Olinda com o desejo de conhecer Salvador, e que eu o acompanhasse. Eu então, fui. Queria que ele se encontrasse assim como eu tentava me encontrar.

Deixei Teodoro com a promessa que voltaria logo, e que não me esquecesse pois nunca conseguiria esquece-lo. Então, fomos.

Em Salvador havia feito uma amizade muito querida, que mais tarde se casaria com Alfredo. Elisabela era seu nome. Usava um chapéu amarelo, memorável e tinha olhos azuis inesquecíveis.

Um ano depois aceitou ir a Olinda com Alfredo e eu. Demorei para reencontrar Teodoro, grande amor de minha vida. Nunca desisti de andar pelas ruas, sempre achando que me esperaria na próxima esquina.

Resolvi mandar uma carta, que chegaria uma semana depois. Falei sobre tudo naquele pedaço de papel. Dê de minhas experiências durante aquele ano, até pedir Teodoro em casamento. Em quanto a carta chegava em sua mão, eu me arrumava para votar à Goiás Velho. Com medo de Teodoro não ter recebido ou ter ignorado à.

Quando fui para estação de trem o vi, com a carta na mão me procurando. Olhei em seus olhos com certo ar de desejo. E apontando para o papel, pendi que respondesse minha pergunta.

Me respondeu que em um ano muitas coisas mudaram. Na hora não soube reagir. Não quis saber o que acontecerá em sua vida para uma mudança tão grande assim. Pensei que talvez se não tivesse ido viveria um grande amor. Ou que ele parasse de me amar era inevitável. Depois de um tempo, me perguntei que amor era esse, que não havia de me corresponder. Me convenci que não era para ser, mas que não me arrependi sobre nada que havia vivido ao seu lado. Ali lhe desejei que amasse alguém como eu o amei, mas me fui, como se nunca tivesse existido ali. Me desiludir sobre tudo. Me despedi para sempre de Teodoro, a quem desejei felicidade. E parti. Fui, para infelizmente não voltar mais a Olinda, que me lembrava por inteiro um ex amor a quem prometi o mundo e me devolveu com amargura uma carta que havia escrito.

Voltei à Milho Verde, onde cumprimentei uma velha amiga a quem contei minha história dos últimos anos. Passei por Goiás Velho onde passei noites e noites somente para ir ao ponto mais alto, e me despedir das luzes que um dia voltaria a ver.

Fui a São Paulo e me lembrei do meu começo, da coragem que tive para sair e viver tudo que vivi.

Me lembrei de quem era e quem tinha orgulho de ser agora. Me lembro de tudo. Tudo aquilo que deixei para trás sem a menor importância. E por um segundo agradei a tudo o que me acontecerá até ali, pois me tornará quem sou. Me lembrei de José Pietro que na época não reconheci o bem que me fazia. Me lembrei de tudo, todas as sensações e risadas que havia dado com Alberto. E por um segundo fechei meus olhos e mesmo que distante do mar, agradei a iemanjá.

Olhei todo o cenário da cidade que um dia morrei e percebi muita coisa que nunca parei para olhar. Os passarinhos cantando, o balançar das árvores, o som do vento, o desespero de uma cidade grande. Escutei de tudo mesmo, até alguém chamar meu nome e tocar em meu ombro:

- Madalena? E você?

Era José. Fiquei feliz de finalmente ver um rosto amigo.

- José?

Exclamei um pouco assustada.

Me perguntou se estava indo a algum lugar, com certa leveza disse que não e que estava com tempo. Aliás o tempo era algo que passará dias e dias pensando.

Me convidou para andar com ele, ir em uma antiga padaria que íamos muito quando namorávamos, então fui.

Esperando que com ele me sentisse bem. E realmente me senti. Era confortável a companhia de alguém que um dia amei. Exclamou que havia muitas perguntas para me fazer, falou que apesar do tempo, havia o peso da dúvida de saber se eu estava bem e onde estaria.

Conversamos muito, nada havia mudado. A conversa fluía, ia de um lado para outro como uma brisa suave. Contei por onde havia passado nesse tempo, e ele me contará seus últimos anos também.

E eu? Estava ali de novo, no começo de tudo. Como no momento que me apaixonei por José Pietro, mas com tudo diferente. Conversamos muito, sobre tudo. O passado que desfrutamos por anos o gosto da saudade e o futuro do qual queríamos em sigilo que o outro participasse. Naquela tarde me senti com não me sentia a muitos anos. Havia esquecido do conforto que o olhar de José Pietro me trazia. Como se o mundo parasse e nenhum problema existisse, era como se pudesse viver ali para sempre que não teria problema algum. De repente José me disse que estávamos em momentos diferentes, então me lembrei como tudo mudava muito rápido. Quis ir embora. Em parte para fugir de mim, em parte por medo. Então fui. Fui sem promessas, fui para esquecer de tudo, fui para esquecer quem havia me tornado.

....

Certo dia encontrei um verso em um livro velho, abandonado, parecia ser escrito a mão, mas me trazia certa sabedoria que me esclarecerá muito na época:

Saudade e privilegio de quem ama.

A dor e privilegio de quem sente

E o amor...

Privilegio de quem vive!

Dias depois, me peguei no acento de um trem antigo, olhando para a janela e me lembrando de tudo. Da senhora que certa vez sentará ao meu lado. Da primeira vez que vi Alfredo. De Teodoro, que me chateará profundamente, mas mesmo assim, me convencia de que um dia o tempo curaria. De Elisaela, que me ensinará muito sobre a vida com um sorriso singelo.

E assim, recomeçava.

Lembrando de tudo, respirei fundo e agradei, pelo tempo, pelos sorrisos que me tiraram, por me permitir ter vivido amores dos quais nunca esqueci.

Agradei por cada momento, mas segui em frente.

No fundo do trem um senhor assobiava em uma perfeita harmonia, tocava um cavaquinho. Sua música aos poucos clareavam minhas ideias.

Aos poucos me sentia cada vez mais leve. Voltei a casa velha de madeira, onde me lembrava de uma solidão extrema. Entrei pela porta dos fundos, esperando raiva e rancor, da parte de meu avó que me criou dès da primeira infância. Quando escuto do fundo de algum lugar, meu nome:

- Madalena, minha neta!

Meu avó me olhava surpreso, e com certa indignação, da qual compreendia perfeitamente.

- Vó, o senhor está bem!

Exclamava com felicidade.

Observava em volta como havia tudo mudado, como a casa estava mais aberta, e de certo modo, mais leve. Olhava para meu avó que estranhamente me transmitia juventude.

Meu avó parecia não ter se preocupado com meu bem estar durante aquele tempo. Me dizia sempre que eu era uma moça instruída e que qualquer lugar que fosse haveria de ficar bem.

Sentamos, e contei tudo à ele. Minhas aventuras, meus passatempos, quem havia conhecido. Contei de tudo um pouco e me desculpei por deixá-lo assim, sem motivo ou explicação “plausível”. Ele me contava como passou o tempo sem mim, chegou a fala que reencontrará um antigo amor de quando era jovem.

A história de meu avó me trouxe certa esperança.

Quando fui embora de novo, avisei que iria para Pipa (Rio Grande do Norte) para o casamento de Alfredo, grande amigo meu. Mas dessa vez não haveria de querer voltar, mandaria notícias assim que chegasse em algum lugar diferente. Agradei ao meu avó por não guardar ressentimentos por querer ir embora de novo. E desejei com todo meu coração a felicidade mais doce e duradoura que poderia existir. Então fui...

Em Pipa vi de tudo. Daquele que viajava com o balançar das águas até aquele que não aceitava mudança.

Assim que cheguei escrevi um cartão postal ao meu avó. Dizia que estava bem, e ele, em resposta me falava que em algum momento teria de me sossegar em um só lugar.

Quando vi Alfredo, na estação de trem, com um sorriso de orelha à orelha, me desceu uma lagrima de emoção. Me lembrei que muita coisa valia a pena.

- Meu amigo!

Abracei-o com tamanha saudade que carregava a tempos. No caminho da pousada que me hospedaria, conversamos muito, sobre tudo, desde do privilegio que era acordar e poder ir para praia até minha historia com José. Quando vi Elisabela com um vestido branco longo que mal deixava ver seus pés, me veio uma alegria como a tempos não via. Finalmente estava bem.

.....

Em Pipa tudo parecia um grande sonho, as casas, as pessoas, a rotina, a vista, tudo!

Lá descobri muito sobre mim. Havia descoberto que o cansaço mental e muito pior que o físico. Me recordava há todos os momentos dos meus antigos amores, vivi muito tempo no passado, talvez por não lembrar de coisas ruins, ou por tentar tanto esquecer que talvez meu esforço não adiantasse nada.

Tentava a todo momento me distrair, assim, finalmente ficaria em paz.

Quando chegou o dia de Alberto se casar, não lembrei de nada ruim. Tenho certeza que vivi aquele dia unicamente para desejar felicidade à alguém que sempre esteve ao meu lado.

Tudo estava lindo. Finalmente em paz. Elisabela carregava um boque de margaridas, das mais belas que se possa imaginar, com um vestido amarelo quase bege, e um sorriso enorme no rosto. O primeiro casamento que um dia vi que não havia o peso da duvida ou da incerteza. Alfredo chorava, emocionado de onde havia chegado depois de tanto tempo. No fim do dia, falei à Alfredo que iria para Rio Verde (Goiás) onde tentaria parar de fugir de mim mesma. Ele me desejou sorte e me abraçou dizendo que tinha certeza que tudo ficaria bem.

Na manhã seguinte fui.

Na estação de trem, comprei uma cadernetinha para quando me viesse uma historia, eu finalmente pudesse conta-la

Sempre quis contar algo significativo, historias que inspiram, que melhoram o dia de alguém. Nunca achei que conseguia. No começo achava que era algo simples, bastava ter uma ideia bonita e coloca-la em um papel. Mas tarde descobri ser algo mais complexo, nunca contei historias de jornadas incríveis ou de heróis superdotados, contava historias de pessoas normais, que de vez em quando algo que lhe surpreendente acontecesse em seu dia. Aquela cadernetinha não havia sido a primeira nem a ultima. Sendo humilde, acho que alguma de minhas historias talvez encantar os ouvidos de alguém, ou quem sabe, dera um pequeno aperto no peito.

.....

Cheguei animada, como se pudesse viver todas as vidas que poderia ali. afinal procurava um recomeço. Rio Verde era uma cidade pequena, do interior, onde não chegava muita informação ou se sabia muita coisa. Tratei de me localizar, e perguntar se alguém saberia algum lugar onde se precisava de ajudante ou se teria algum trabalho vago na cidade. Depois de muito tempo, um senhor me procurou querendo saber se era eu quem procurava um emprego:

- Licença, foi a senhora que me perguntou outro dia de um trabalho?
- Foi sim! O senhor sabe de alguma coisa?
- Dona Marta está procurando uma babá para Antônio seu filho, você tem experiência com crianças?

Eu não tinha, mas adorava crianças, me davam uma esperança que o mundo poderia ser melhor.

Disse que me levaria lá. Era um casarão no ponto mais alto da cidade, onde moravam funcionários “importantes” da prefeitura da cidade.

Cheguei um pouco nervosa, não sabia como explicar uma experiência da qual não tinha. Dona Marta me contratou, era uma mulher elegante, daquelas que andam de sapato em casa. Tinha unhas compridas e cabelo longo, era meio rude, e não se importava muito de por onde andava o filho. A criança tinha cinco anos. Era um menino doce, gentil, com uma bondade inexplicável no olhar. Me apeguei muito ao menino. Tinha muito amor para dar, e eu, não entendia como, afinal a mãe nunca olhou para a cara da criança e o pai, trabalhava noite e dia...

Toninho tinha cabelos cacheados de anjinho mesmo, e olhos cor de mel. Um dia me disse que não viveria tanto quanto todos achavam. Olhei com estranheza, me perguntei durante dias e noites como um menino de cinco anos poderia saber algo assim.

Um mês depois Antônio faleceu em quanto dormia.

Não soube o que fazer, como reagir. Na hora, a casa que tinha uma imensidão desnecessária foi tomada pela tristeza. Ali descobri que não à nada mais doloroso nesse mundo que a morte de uma criança. Me afundei em uma vasta saudade e melancolia profunda. Antônio mesmo que pequeno, tocará meu coração com muito mais sinceridade que muita gente que havia passado por minha vida. prometi para mim mesma que nunca compareceria de novo ao um velório de uma criança.

Não tinha para onde ir, ou o que fazer. Não sabia o que esperar de uma vida que no passado, me deixará ilusão, descrença e a mais cruel a morte. Me bateu um aperto em meu peito, que nunca havia sentido antes. Então comecei a chorar.

Na hora, soube exatamente onde deveria estar. Então fui para Goiás velho. Que pela ultima vez olharia as luzes da cidade refletindo o que foi, e o que seria daqui para frente. No caminho me agoniava. Parecia que perdia tempo a todo momento e que buscava constantemente alguém que nunca achei. Eu. Com uma sensação estranha no peito, de quem guardava muito mais do que poderia aguentar, sensação estranha de querer a qualquer momento gritar. Sentei e fiquei olhando as luzes da cidade, por tanto tempo que o tempo nem soube. Me deixei ir por todos os caminhos que eu pode, se fui quem deveria ser, não sei. Fui a mulher apaixonada, a melancólica e a descrente de tudo aquilo que um dia acreditei.

Agradeço tudo que vivi. Eu amei, eu sonhei e com certeza fui muito feliz. Hoje escrevo para o vazio que sinto, para solidão que me escolheu para ser sua companheira, e para o tempo, que na minha cabeça, nunca passou.

“Querido maldito infinito vazio, depois de muito chorar, depois de muito sofrer, hoje sou eu, quem procuro você”

- Clarice M. Giusti